



Leandra Anversa Fioreze
Fabrício Fernando Halberstadt
(Orgs.)

Aprendizagens
e Vivências no
Ensino de
Matemática
em tempos de
pandemia



Aprendizagens e Vivências no Ensino de Matemática em tempos de pandemia

Organizadores
Leandra Anversa Fioreze
Fabício Fernando Halberstadt



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.conceptualeditora.com/>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

FIGUEIRE, Leandra Anversa; HALBERSTADT, Fabrício Fernando (Orgs.)

Aprendizagens e Vivências no Ensino de Matemática em tempos de pandemia [recurso eletrônico] / Leandra Anversa Figueire; Fabrício Fernando Halberstadt (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

206 p.

ISBN - 978-65-5917-315-0

DOI - 10.22350/9786559173150

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Ensino; 2. Matemática; 3. Pandemia; 4. Estado; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 370

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação 370

Capítulo V

Um olhar para o cotidiano dos alunos de um 6º ano do ensino fundamental: reflexões sobre o evento “Show de Talentos” e as aulas de matemática

*Agner Lopes Bitencourt
Leandra Anversa Fioreze
Elisabete Zardo Búrigo*

Introdução

A reflexão proposta neste artigo tem origem no trabalho de um professor-pesquisador de matemática dos anos finais do ensino fundamental da região metropolitana de Porto Alegre, o qual vivencia um momento histórico relevante para a discussão curricular: a pandemia ocasionada pelo vírus do COVID-19 no ano de 2020, em que as aulas presenciais foram suspensas afastando pessoas do convívio escolar, de maneira que os encontros ocorreram principalmente pela *Internet* (STEIN, 2020), em diferentes tempos e espaços, no que ficou denominado como Ensino Remoto Emergencial (ERE).

Preocupações sobre o que fazer durante as aulas em contexto pandêmico, tais como engajar os alunos em um novo formato de estudo a que não estão acostumados, considerar as diferenças econômicas e sociais familiares, o afastamento físico para realização de mediações e intervenções pedagógicas, dentre outros, tomaram conta do trabalho do professor, exigindo-se alternativas para que os alunos continuassem em processo formativo.

Uma possibilidade foi trazer o “Show de Talentos” para dentro do espaço das aulas remotas de matemática. Os dons dos alunos apresentados na escola podem proporcionar momentos de reflexão do ponto de vista da

Educação Matemática e, talvez, abrir espaço para futuras práticas curriculares voltadas para o estudo de conhecimentos matemáticos envolvidos nas temáticas das apresentações.

As reflexões, contudo, precisam partir de outros olhares, além daqueles voltados para o desempenho dos alunos medidos quantitativamente, para buscar compreender como os alunos utilizam seus saberes e como se desenvolvem durante a realização destas atividades. Por isso, este artigo busca refletir sobre o que os talentos e interesses dos alunos podem significar para as aulas de matemática.

É possível utilizar os temas envolvidos em cada talento como pano de fundo para desenvolvimento de atividades pedagógicas, visando atingir objetivos de aprendizagem. Entretanto, a experiência do “Show de Talentos” não culminou com este tipo de prática, em função do tempo para estudo de cada tema e da falta de recursos durante a pandemia. Visou-se, sim, aproximar o currículo de uma formação voltada para o coletivo, que exercitasse o respeito às diferenças, mantendo o envolvimento dos alunos durante o afastamento físico, na tentativa de manter o vínculo com a escola.

O “Show de Talentos” ocorreu a partir de um convite para uma turma de alunos, sendo construído a partir dos interesses individuais, tanto na participação como na elaboração das apresentações. De forma a refletir sobre o currículo que é construído durante o dia a dia da escola, buscou-se um embasamento teórico sobre o cotidiano escolar em Alves e Oliveira (2002), Ferraço (2007) e Ferraço e Alves (2015), visando observá-lo e compreendê-lo. Objetivando refletir sobre a experiência, foi elaborado um questionário para coletar e analisar as respostas dos alunos de forma qualitativa, buscando-se as relações do “Show de Talentos” com as aulas de matemática.

Olhar para o cotidiano escolar

Estudar o cotidiano escolar permite identificar aspectos singulares dos acontecimentos favorecendo a interpretação qualitativa do currículo, uma vez que se permite ignorar o senso comum sobre a rotina, aceitando-se que um mesmo evento nunca ocorre identicamente igual a outro. Dessa forma, interessa analisar “como” se revelam estes eventos, dando-se ênfase ao seu processo e aos significados que podem ofertar sobre e para cada participante (ALVES; OLIVEIRA, 2002).

Alves e Oliveira (2002) comentam que “todas as atividades que desempenhamos em nossas vidas são aprendidas, mesmo que, em alguns casos, instintivas ou mecanicamente” (p. 87). Se considerarmos uma sala de aula com trinta alunos e um professor, teremos um conjunto de ações que foram aprendidas por essas pessoas em algum momento de suas vidas, anterior ao do encontro na aula. Todas essas ações interagem entre si, pluralizando as aprendizagens de cada um, formando uma rede temporária de saberes e fazeres.

A construção da rede de saberes e fazeres é, na visão de Ferraço e Alves (2015), o próprio cotidiano, em que a tessitura desta rede lhe dá uma forma específica, única. A unicidade ocorre tendo em vista que os sujeitos envolvidos são os autores e protagonistas a partir daquilo que “tem sentido para a vida cotidiana” (p. 308), daquilo que tem sentido para eles próprios, o qual, nesse jogo de interações que é a vida, vai constituindo o que se entende por cotidiano.

Logo, a imposição de temas ou assuntos que não relevem o interesse dos sujeitos no ser e fazer cotidiano pode resultar em “descredenciamento ou desinteresse (que na maioria das vezes não são verbalizados)” (p. 309) e acarretar eventos manipulados por terceiros. Como afirma Ferraço e Alves (2015), é importante que se investigue as situações do dia a dia, a partir

do olhar para a “vida vivida” por cada um na coletividade. É essa perspectiva que possibilita compreender as diversas relações existentes a partir do que está sendo “*feitopensadofalado*” (p.310, grifo dos autores) pelos sujeitos.

Segundo Alves e Oliveira (2002), na tentativa de compreender a rede de saberes e fazeres, precisamos “buscar novas formas de entendimento dos processos de criação das ações e suas múltiplas formas de manifestação” (p. 88) para valorizar aqueles aspectos únicos em cada espaço/tempo, considerando o processo de formação das subjetividades em contraponto a perspectivas generalistas que classificam os detalhes como irrelevantes.

Ainda, nas pesquisas sobre o cotidiano escolar, busca-se compreender como os sujeitos envolvidos no processo educativo agem para atingir objetivos de aprendizagem elencados. Como professores e professoras realizam suas práticas, quais são seus pressupostos, como manipulam sua rede de saberes na interação com alunos, etc. Estas questões, talvez, sejam centrais nos estudos curriculares do/no cotidiano (ALVES; OLIVEIRA, 2002).

A constante interação apresenta desafios para a realização de pesquisas com o cotidiano, uma vez que elas ocorrem o tempo inteiro. Poderíamos questionar, por exemplo, em qual momento ocorre a avaliação de uma aprendizagem. Acontece que a observação do professor sobre o estudante se dá constantemente durante o desenvolvimento das atividades, da tessitura daquele cotidiano, logo cada fala, cada expressão executada é passível de avaliação e, conseqüentemente, se torna um dado a mais para ser analisado do ponto de vista da pesquisa (FERRAÇO, 2007).

Por fim, pensar as práticas curriculares cotidianas significa entender que elas são o resultado de uma mistura entre concepções prévias do professor sobre o assunto, com as possibilidades de execução nas turmas, com o engajamento ou não dos alunos nessa prática, com suas aprendizagens

e dúvidas, dentre outros fatores. Analisar as práticas significa aceitar que elas nunca serão iguais umas às outras, tendo em vista as diferentes redes de saberes e fazeres e espaço/tempo nos quais a prática se desenvolve (ALVES; OLIVEIRA, 2002; FERRAÇO, 2007).

Metodologia

A pesquisa possui caráter qualitativo conforme designa Bogdan e Biklen (1994), por ser descritiva e porque o sentido das relações apresentadas pelos dados é importante para a compreensão do fenômeno em estudo. Entende-se que, para atingir o objetivo de refletir sobre o que os talentos e interesses dos alunos podem significar para as aulas de matemática, faz-se necessário descrever e analisar o sentido e as relações que os dados fornecerão.

Os dados foram produzidos e coletados no evento escolar denominado “Show de Talentos”, durante os encontros síncronos de matemática no ERE ocorrido durante os meses de outubro e novembro de 2020, totalizando quatro encontros com duração aproximada de trinta minutos, adicionando-se o período para preenchimento do formulário, realizado assincronamente pelos alunos.

O evento fazia parte das atividades da escola e era organizado, anualmente, pela equipe gestora, para o qual todos os alunos são convidados a apresentarem seus talentos. Abre-se espaço para qualquer habilidade artística, tais como canto, dança, desenho ou pintura ou outras aptidões que os alunos possuam.

Devido ao contexto pandêmico, o evento não constou no calendário escolar, de forma que sua realização partiu da iniciativa do professor, em conversa com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. O convite foi aberto aos alunos da turma e não possuía caráter obrigatório, tampouco foi exigido que o conteúdo das apresentações tivesse relação com

conhecimentos matemáticos, afinal o evento não visa atender a grade curricular de qualquer disciplina. A realização, durante as aulas de matemática, proporcionou uma maior aproximação do professor com a vida dos alunos permitindo que fossem feitas reflexões e análises.

As apresentações ocorreram uma vez por semana durante os encontros síncronos da disciplina de matemática pelo *Google Meet*. Os alunos podiam gravar vídeos ou apresentar “ao vivo” seus talentos. Dos estudantes convidados, cinco aceitaram o convite: uma aluna participou através da apresentação de uma coreografia com o gênero musical sul-coreano *K-pop*, uma dupla cantou uma música gospel tocando violão e teclado eletrônico, outra apresentou seu canal do *Youtube* sobre jogos eletrônicos e a última mostrou seu telejornal também postado no canal do *Youtube*.

Após as apresentações, houve espaço para questionamentos feitos pelos colegas ou professor. As perguntas feitas para iniciar a conversa possuíam caráter aberto, tais como “O que vocês acharam da apresentação?”, “O que mais chamou sua atenção?”, “Querem perguntar alguma coisa para o colega que apresentou?”. Com a participação dos alunos, o assunto foi se delineando, permitindo a elaboração do questionário final do “Show de Talentos”.

As atividades se encerraram com uma tarefa a ser respondida pelos alunos, através do *Google Formulários*, buscando agradecer aos colegas participantes, bem como refletir sobre o assunto discutido após cada apresentação. Ao final do questionário, perguntou-se se haveria alguma participação da matemática nos talentos apresentados. As questões 2, 4, 6 e 8 (quadro 1) foram elaboradas pelo professor a partir das conversas após as apresentações, enquanto as demais foram julgadas importantes pelo professor para valorizar o trabalho dos colegas.

Ao total, foram entregues 13 questionários respondidos pelos alunos, possibilitando a análise das respostas, buscando-se seus significados e as

relações que podem ser estabelecidas com as aulas de matemática ou com o trabalho do professor. Os encontros e as apresentações não foram gravados e tampouco houve registros derivados da observação do professor-pesquisador, desta forma, as análises partiram exclusivamente das respostas do questionário. Para preservar a identidade dos estudantes respondentes, cada um foi denominado por Aluno 1, Aluno 2, até Aluno 13. Já os nomes dos alunos que realizaram apresentações são todos fictícios.

Quadro 1

Talento	Questão
Canal de jogos eletrônicos	1) Deixe um recadinho para a colega Marcela que se apresentou para a turma.
	2) Após a apresentação conversamos sobre os <i>Haters</i> (pessoas que atacam ou promovem ataques em redes sociais). O que você acha desses comportamentos na internet? O que devemos fazer ao encontrar uma situação dessas?
Canto	3) Deixe um recadinho para os colegas Joana e André que se apresentaram para a turma.
	4) Qual mensagem você diria a uma criança que está aprendendo a cantar e a tocar algum instrumento?
Coreografia	5) Deixe um recadinho para a colega Fabiane que se apresentou para a turma.
	6) A coreografia foi elaborada a partir de uma música coreana. O que você acha dessa troca de estilos musicais entre países diferentes?
Canal de telejornal	7) Deixe um recadinho para a colega Vera e sua irmã que se apresentaram para a turma.
	8) Na apresentação, percebemos a criatividade e a coragem das meninas ao elaborarem as notícias do Jornal Catatau e publicarem na internet. Como você acha que é possível inspirar outras pessoas a vencerem seus medos, assim como a serem elas mesmas?
Reflexão sobre a presença da matemática	9) O que você consegue perceber de matemática nas apresentações?

Análise dos dados

A análise das respostas permitiu identificar três ideias-chave: a primeira refere-se a pessoas com comportamentos maldosos nas redes sociais, as quais reclamam ou mesmo ofendem outros usuários; a segunda refere-se a comportamentos positivos em relação à diversidade cultural; e

a terceira à percepção dos alunos sobre a presença da matemática nos diferentes talentos.

Em relação à primeira ideia-chave, precisa-se considerar que os usuários de redes sociais estão sujeitos a se depararem com comentários maldosos. Pessoas com comportamentos odiosos e que promovem ataques nas redes sociais são denominadas de *haters* (do inglês *hate* que significa “ódio”). Segundo Rebs (2017, p. 2516), “O sujeito que se enquadra neste grupo é conhecido popularmente como “o odiador”, “aquele que odeia””.

A Aluna 6, através de sua resposta, revela já ter vivenciado esta experiência, bem como o comportamento responsivo diante dos comentários recebidos.

Aluna 6: Eu acho muito ruim este comportamento. O que as pessoas ganham fazendo isto? Eu já tive um comentário ruim no meu canal do YouTube, mais olhei, e ignorei, por que sei que vão ter pessoas que só querem estragar. Minha amiga XXX quis discutir com a Hater nos comentários, mais depois ela também viu que não vale a pena discutir.

A reflexão sobre os comportamentos mencionados pela aluna, o de ignorar e o de discutir com a *hater*, vai ao encontro de Melão (2011) quando afirma que “as crianças devem ser incentivadas a assumir responsabilidade pela sua própria segurança” (p. 96), adotando-se comportamentos que consolidem a cultura digital.

A segurança mencionada por Melão (2011) pode se referir a questões emocionais em *chats* e redes sociais como aos dados pessoais e cabe aos responsáveis (família, escola, governos) desenvolver artifícios que preparem as crianças para os desafios que podem encontrar através das diferentes mídias.

A resposta traz inquietações sobre alguns impactos da presença das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) na vida dos

alunos e a cultura digital da qual fazem parte. A cultura digital é compreendida como a capacidade do indivíduo de compreender, utilizar ou criar TDIC de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diferentes situações e problemas cotidianos com que uma pessoa pode se deparar (BRASIL, 2017).

Se considerar o conhecimento matemático como um precursor do desenvolvimento da *Internet* e tudo o que pode haver nela, pode-se questionar qual seria a participação da Educação Matemática sobre a formação crítica dos alunos para lidarem eticamente em ambientes mediados pelas TDIC.

Segundo Skovsmose (2015), a Educação Matemática não é neutra, “em certas situações, seus efeitos podem ser desastrosos, em outras, maravilhosos” (p. 298). Por exemplo, ao se buscar uma formação voltada para a qualidade técnica, valorizada no mercado, pode-se gerar um excesso de treinamento que desfavorece o desenvolvimento crítico dos estudantes. Isto significa que se não houver reflexão sobre as práticas pedagógicas, poder-se-ão formar cidadãos sem criticidade adequada ou mesmo com pouca autonomia para lidar com as adversidades mediadas pelas TDIC.

Em outra resposta, da aluna 4, percebe-se que o posicionamento familiar pode ser um fator negativo frente as possibilidades e interações que as TDIC oferecem aos seus usuários.

Aluna 4: Eu acho que Haters é uma coisa que deveria ser cancelada da internet, eu não acho isso legal. E, ao sofrermos ataques na internet, não devemos dar bola para essas pessoas que provavelmente não têm talento nenhum, elas querem derrubar os outros para ficarem que nem elas, então a dica é não ligar para isso. Eu já sofri muito com isso, porém não eram pessoas de fora e sim a família, tipo, minha dinda, então, minha família me ajudou muito para saber reagir com isso.

A resposta da aluna, para além do comportamento responsivo diante dos *haters*, traz questionamentos quanto à mediação parental (MAIDEL; VIEIRA, 2015) em relação ao que as crianças fazem na internet. A mediação parental, em especial a denominada Mediação Ativa¹, “[...] tanto pode auxiliar a criança a desenvolver seus próprios referenciais de “bom” e “mau” para o conteúdo de mídia como pode levar a criança a questionar e avaliar criticamente tal conteúdo” (p. 296). As mediações, contudo, só podem ocorrer quando os familiares assumem suas responsabilidades perante o desenvolvimento de seus filhos.

Qual o papel do professor ou da escola diante da educação familiar? Algumas respostas podem ser encontradas no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90), ao tratar da Prevenção, no artigo 70-A, em que os órgãos públicos devem formular políticas públicas e executar ações que incentivem práticas de resolução pacífica de conflitos que envolvam violência ou no Artigo 56, em que é dever das instituições de Ensino Fundamental comunicar o Conselho Tutelar sobre possíveis maus-tratos envolvendo seus alunos.

Estas considerações revelam que o trabalho do professor extrapola questões didáticas, fazendo-o se preocupar, também, com a saúde física ou emocional de seus alunos buscando e promovendo ações que combatam casos de violência de qualquer tipo.

Olhando por outra perspectiva, atividades como o “Show de Talentos” podem se constituir espaços que exercitem o respeito à pessoa em diferentes ambientes, pois os estudantes compartilham e refletem sobre os diferentes interesses das pessoas, bem como são convidados a

¹ Segundo Maidel e Vieira (2015, p. 296), “designa um tipo de mediação na qual há conversa, orientação ou discussão crítica dos pais com a criança sobre o conteúdo ou atividade, sobretudo enquanto ela ainda está utilizando a mídia. Esse tipo de mediação inclui tanto as formas instrutivas e informativas quanto as críticas manifestações de desaprovação ou acordos com a criança para o uso”.

assumirem uma posição de respeito para com o próximo. A resposta do aluno 5 exemplifica o agradecimento aos colegas que se apresentaram, já a resposta do aluno 1 ilustra falas que podem ser ditas para encorajar pessoas.

Aluna 5: Parabéns Marcela, gostei muito da sua apresentação, te acompanho desde o começo do seu canal de games e vejo a cada dia o quanto seu conhecimento em diversos jogos cresce!

Aluno 1: Só seguir seus sonhos e não ligar para as opiniões ruins.

Esta perspectiva vai ao encontro da fala de Pretto, Bonilla e Sena (2020), quando afirmam que, nesse contexto de pandemia, a escola pode ampliar “sua dimensão formativa-educativa” (p. 16), pensando nos alunos e familiares promovendo atividades que incentivem o autocuidado e a preocupação com a coletividade, objetivando proporcionar uma formação mais humana, mais justa e mais igual.

Conforme D’Ambrosio (2012, p. 13), “a educação, em especial, a Educação Matemática, bem como o próprio fazer matemático, podem ajudar a construir uma humanidade ancorada em respeito, solidariedade e cooperação”. O que nos leva a refletir sobre a possibilidade de potencializar nos alunos aprendizagens para que compreendam o papel social da matemática, contrariando o enfoque nos algoritmos ou na obediência tácita dos enunciados, tais como “Calcule”, “Resolva os problemas”, etc.

Contudo, cabe ao professor refletir sobre as modificações necessárias em suas práticas, por entender que, mesmo tendo a matemática como área e instrumento de ação, necessita-se assumir a posição do professor como um educador, o qual subordina o conhecimento ao desenvolvimento da humanidade. Desta forma, embora os métodos não sejam explícitos, é

possível direcionar tarefas que oportunizem a reflexão sobre os efeitos positivos ou negativos do uso da matemática (D'AMBROSIO, 2012).

E, por fim, pode-se refletir sobre a participação da matemática em eventos como este. Uma vez que o “Show de Talentos” possui origem exterior à aula de matemática, não se pretende “forçar” relacionamentos com conteúdos específicos da área ou do respectivo ano escolar. Mesmo que existam possibilidades nesse sentido, precisa-se aceitar que o movimento acontece do exterior para o interior da escola e não o contrário, ou seja, dos saberes que o estudante traz para o ambiente escolar. As respostas dos estudantes para a última questão remetem à busca de conhecimentos ou conceitos matemáticos envolvidos nas situações, como podemos ver abaixo:

Aluno 6: No jogo da Marcela, consigo perceber a contagem das moedas. Na música do André e da Joana é calcular o tempo de cada ritmo para cantar junto, no ritmo certo. Na apresentação da Fabiane, é fazer cada passo no ritmo certo. E no Jornal Catatau, da Vera e da Sueli, é calcular o tempo de cada notícia.

Aluno 10: Na apresentação do André e da Joana, a matemática está nas músicas para tocar. Na da Fabiane, nos passos. Na da Marcela, para saber onde tá no jogo. E na da Vera, na hora de editar o vídeo.

Aluno 11: No tempo da música na coreografia, tempo de duração do Jornal Catatau... tudo.

Aluna 12: Nas apresentações: a Marcela, o André e a Joana, a Fabiane, a Vera e a Sueli, eles devem ter cronometrado o tempo das apresentações.

Percebe-se um entendimento no qual a matemática está em tudo ao nosso redor e uma maneira de encontrá-la consiste na possibilidade de realizar alguma contagem ou medição na situação. Esta ideia vai ao

encontro de Skovsmose (2015) ao afirmar que a matemática pode se preocupar com outras questões as quais não se encaixam em currículos ou programas institucionalizados. Pois “ela é parte integrante da tecnologia, do design e das tomadas de decisão, está nas tabelas, nos diagramas e nos gráficos” (p. 118-127) e pode trazer à tona a matemática que se faz no cotidiano dos alunos.

Conclusões

O contexto pandêmico apresentou desafios ao professor sobre o que fazer neste momento conturbado de maneira que as aulas de matemática não poderiam ser inteiramente transpostas ao novo modelo de ensino sem reflexões prévias, desconsiderando os diversos problemas já existentes vivenciados diariamente pelos participantes do processo educativo (professor, aluno, família).

A aproximação das aulas de matemática com os diferentes saberes dos alunos mostrou que é possível estabelecer relações com o trabalho do professor de matemática, no que se refere às práticas curriculares visando tanto à formação como à saúde física e emocional dos estudantes visando, da mesma forma, ao desenvolvimento de pessoas críticas e saudáveis.

Ao assumir novas perspectivas de sala de aula, concordou-se com Pretto, Bonilla e Sena (2020, p. 12) no que se refere à implementação de outras atividades formativas, “[...] centrados numa perspectiva de fortalecimento da autoria, da formação para a cidadania [...]”, podendo ou não haver participação direta de conteúdos curriculares previstos para o ano escolar. O afastamento dos conteúdos estruturados e a aproximação das aulas com o cotidiano dos alunos não necessariamente excluem a Matemática do ambiente escolar, pelo contrário, abre espaço para olhar e refletir sobre sua presença, seus efeitos na sociedade, tendo em vista que pode ser usada tanto para o bem como para o mal.

A partir das temáticas apresentadas no “Show de Talentos” (música, dança, jogos e jornais na internet), percebe-se que existem potencialidades didáticas para a aprendizagem de conhecimentos matemáticos, como portas que se abrem. Certamente haverá maior ou menor espaço para que o professor elenque objetivos específicos utilizando as apresentações como pano de fundo para o trabalho pedagógico.

Todavia, independentemente das possibilidades didáticas do conteúdo, a reflexão proposta permitiu olhar para as relações que podem ser construídas quando outros contextos do cotidiano dos alunos são trazidos para a sala de aula de matemática, instigando para a Educação Matemática responsabilidades que extrapolam a memorização de cálculos ou fórmulas. Visando a uma formação que prepare para o desenvolvimento potencial crítico, criativo e produtivo dos indivíduos, na construção de um currículo que pense no coletivo.

Referências

- ALVES, N.; OLIVEIRA, I. B. Uma história da contribuição dos estudos do cotidiano escolar ao campo do currículo. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2002.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora LDA, 1994.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017.

D'AMBROSIO, U. **Educação Matemática da Teoria à Prática**. 23 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

FERRAÇO, C. E. ALVES, N. As pesquisas com os cotidianos das escolas: pistas para se pensar a potência das *imagens narrativas* na invenção dos currículos e da formação. **ESPAÇO DO CURRÍCULO**, v.8, n.3, p. 306-316, set./dez., 2015.

FERRAÇO, C. E. Pesquisa com o cotidiano. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007.

MAIDEL, S.; VIEIRA, M. L. Mediação parental do uso da internet pelas crianças. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 293-313, ago. 2015.

MELÃO, D. H. M. R. Da página ao(s) ecrã(s): tecnologia, educação e cidadania digital no século XXI. **Educação, Formação & Tecnologias**, Portugal, v. 4, n. 2, p. 89-107, nov. 2011.

REBS, R. R. O excesso no discurso de ódio dos haters. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v. 14, número especial, p. 2512-2523, nov. 2017.

STEIN, G. R. Novos contextos e caminhos para o currículo escolar na educação com covid-19. In: ALMEIDA, F. J. de. ALMEIDA, M. E. B. de. SILVA, M. G. M. (orgs). **De Wuhan a Perdizes**. Trajetos educativos – São Paulo: EDUC, 2020.

SKOVSMOSE, O. **Um convite à educação matemática crítica**. Campinas, SP: Papyrus, 2014. Edição do Kindle.

PRETTO, N. L.; BONILLA, M. H. S.; SENA, I. P. F. S. **Educação em tempos de pandemia: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto**. Salvador: Edição do autor, 2020.